

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS SÍTIOS TUPI NA ILHA DE SÃO LUÍS, MARANHÃO
SPATIAL DISTRIBUTION OF TUPI SITES IN SÃO LUÍS ISLAND, MARANHÃO

Arkley Marques Bandeira

Vol. XII | n°24 | 2015 | ISSN 2316 8412



Distribuição espacial dos sítios Tupi na Ilha de São Luís, Maranhão

Arkley Marques Bandeira¹

Resumo: Este artigo apresenta informações inéditas sobre os sítios Tupi localizados na Ilha de São Luís – Maranhão, com foco na distribuição espacial e inserção dos sítios arqueológicos na paisagem. A literatura arqueológica associada aos relatos históricos possibilitou sistematizar dados relacionados a 64 sítios arqueológicos, representados por camboas, acampamentos, sítios a céu aberto, dentre outros. A esse respeito tais sítios foram correlacionados com as bacias hidrográficas e a topografia permitindo aferir que a presença Tupi se distribuiu por toda a Ilha de São Luís, legando para posteridade um importante acervo arqueológico que começa a ser conhecido.

Palavras-chave: Tupi, Arqueologia, Ilha de São Luís, Espacialidade, Paisagem.

Abstract: This article presents new information about the Tupi sites located in São Luís Island - Maranhão, focusing on spatial distribution and integration of archaeological sites in the landscape. The archaeological literature associated with historical accounts made it possible to systematize data related to 64 archaeological sites, represented by camboas, camps, open-air sites, among others. In this regard such sites were correlated with watersheds and the topography allowing assess the Tupi presence was distributed throughout São Luís Island, bequeathing to posterity an important archaeological collection that begins to be known.

Keywords: Tupi, Archeology, São Luís Island, Spatiality, Landscape.

INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos da colonização brasileira uma situação bastante incomum para os europeus foi registrada: os povos recém contatados falavam uma língua bastante semelhante em uma grande faixa de terra, que se estendia desde o litoral setentrional até o meridional, além de regiões interioranas, nos cursos dos rios Araguaia, Tocantins, São Francisco, Tietê, Paraná, dentre outras.

Essas línguas, aparentadas entre si, foram agrupadas em um tronco linguístico denominado de Tupi, que segundo Rodrigues e Cabral (2007) é constituído por dez famílias linguísticas para as quais é admitida uma origem pré-histórica comum, possivelmente uma língua ancestral Prototupi².

¹ Brandi e Bandeira Consultoria Cultural e Coordenador da Casa da Memória do Instituto do Ecomuseu Sítio do Físico. Doutor em Arqueologia.

² As dez famílias foram classificadas como Arikém (AR), Awetí (AW), Jurúna (JU), Mawé (MA), Mondé (MO), Mundurukú (MU), Puruborá (PU), Ramaráma (RA), Tuparí (TU) e Tupi-Guarani (TG), totalizando atualmente 40 línguas. Os linguistas costumam dividir as famílias e línguas do Tronco Tupi em ocidentais, aglutinando as famílias AR, MO, PU, RA e TU, que se situam na bacia do rio Madeira, no sudoeste da Amazônia e orientais, cujas línguas se distribuem da bacia do Madeira para leste, nas bacias do Tapajós e do Xingu. Por fim, a Tupi-Guarani ocorre também na bacia do Tocantins e na bacia platina, assim como na costa atlântica (RODRIGUES, CABRAL, 2007).

Do ponto de vista arqueológico, a apropriação do termo Tupi para nominar a cultura material associada a esses povos ocorreu ainda na década de 1960, no âmbito do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA (SCHIMITZ, 2010), sob os auspícios de Betty Meggers e Clifford Evans.

Nesse bojo, a cultura material arqueológica recebeu uma denominação que fazia clara referência a um grupo étnico, que no caso seriam os falantes Tupi-Guarani, principalmente pelo fato dos sítios arqueológicos se situarem em locais próximos as aldeias desses povos ou em regiões historicamente ocupadas pelos Tupi. Além disso, houve uma forte associação dos vestígios arqueológicos, principalmente a cerâmica com os objetos descritos pelos cronistas, sendo que algumas características como vasilhas pintadas em policromia e tratamentos plásticos foram tomados como elementos diagnósticos definidores para associar os vestígios arqueológicos pré-coloniais com os povos Tupi conhecidos historicamente.

Com vistas a evitar possíveis confusões entre antropólogos, linguistas e arqueólogos quando se tratava da temática Tupi, os pronapianos convencionaram denominar a cultura material associada aos povos de língua Tupi-Guarani de Tradição Tupiguarani (sem o hífen) para evitar conotações ou associações diretas.

Portanto, a arqueologia Tupi engloba o estudo dos grupos filiados ao Tronco Tupi, em particular a cultura material associada aos falantes das línguas Tupi, além da Tradição Tupiguarani. Essa tradição arqueológica foi criada para denominar uma indústria cerâmica de populações indígenas que, ao tempo da colonização da América do Sul, viviam em numerosas aldeias, nos espaços densamente florestados da bacia do Rio da Prata, na bacia do rio São Francisco e no litoral atlântico do Brasil. Essas populações falavam, predominantemente, línguas aparentadas do tronco linguístico Tupi-Guarani (SCATAMACCHIA, 1981).

Quando se pensa em arqueologia Tupi no Brasil alguns modelos para compreensão desses grupos são fartamente observados na literatura. Além disso, termos como migração, difusão, expansão, pressão, messianismo e fuga são constantemente empregados para explicar tamanha distribuição espaço-temporal, seja pela perspectiva antropológica e histórica, como também pela linguística e arqueológica.

O presente artigo não abordará o estado da arte da arqueologia Tupi no Brasil e nem os modelos para compreensão da ampla dispersão espacial da cerâmica no país. Contudo contribuirá com as discussões mais recentes sobre a arqueologia desses povos com apresentação de dados empíricos que foram recentemente sistematizados e que estão auxiliando na compreensão da distribuição espacial dos sítios Tupi na Ilha de São Luís, Maranhão.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA ILHA DE SÃO LUÍS

A Ilha de São Luís, também denominada de Ilha Grande, Ilha de *Upaon Açu* e Ilha do Maranhão, é composta por quatro municípios: São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa e possui

aproximadamente 831,7 km² de área. Situa-se no Nordeste do Brasil, porção norte do Maranhão e limita-se ao norte com o Oceano Atlântico; ao sul, com a baía de São José e Estreito dos Mosquitos; a leste com a baía de São José e a oeste com a baía de São Marcos. Insere-se nas coordenadas 02°22'23" e 02°51'00" Latitude Sul; 44°26'41" e 43°59'41" de Longitude Oeste, em feição geológica-geomorfológica do Golfão Maranhense, sendo esta uma articulação regional da costa brasileira caracterizada por um grande e complexo sistema estuarino, delimitado pelas baías de São Marcos e de São José (IMESC, 2001).

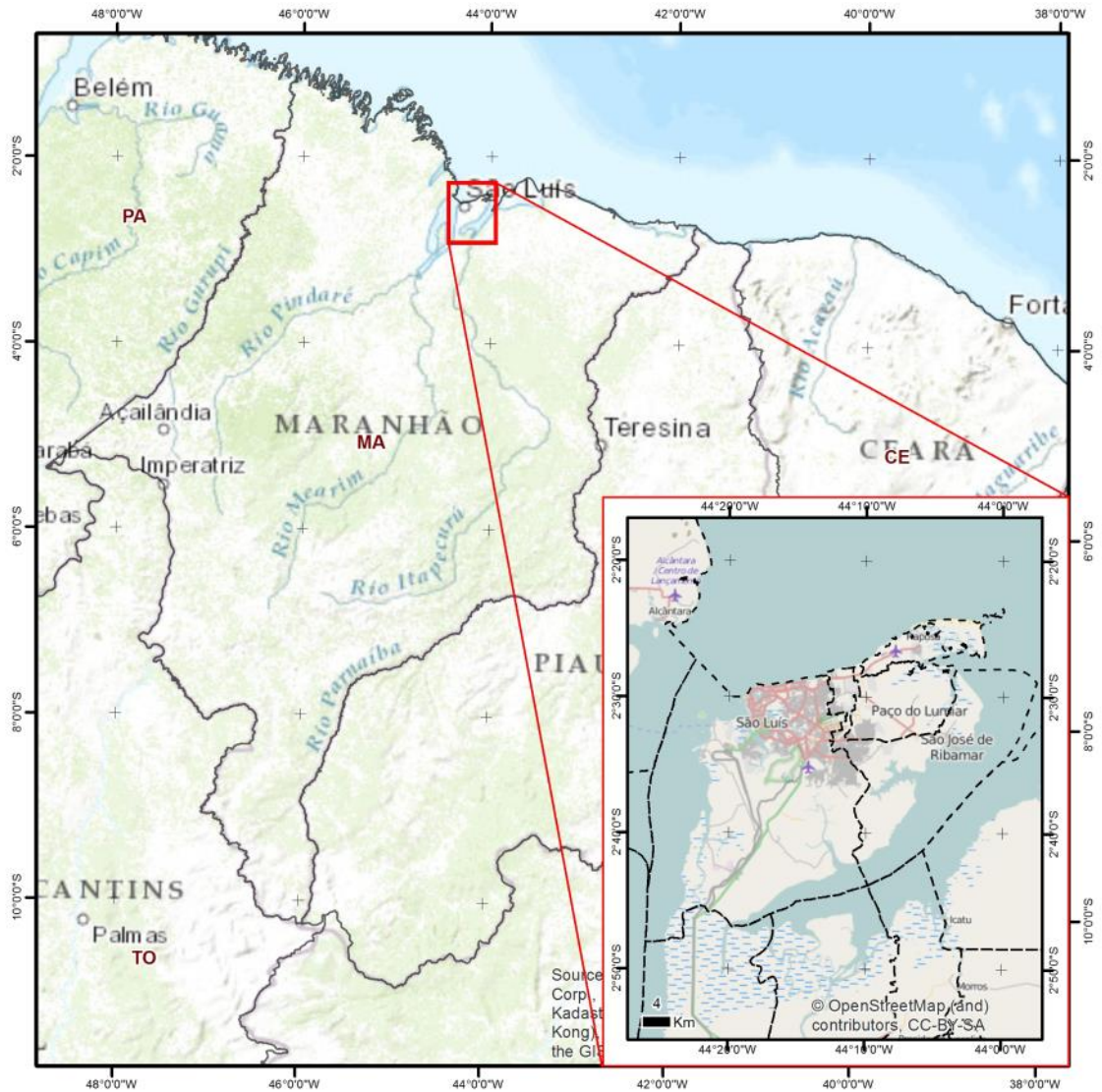


Figura 1: Inserção geográfica da Ilha de São Luís e municípios formadores. Fonte: Do autor.

A planície flúvio-marinha é formada por estuários afogados dos rios Mearim, Itapecuru e Munim, constituindo uma região rebaixada com numerosas lagoas fluviais e extensas várzeas inundáveis (PREFEITURA DE SÃO LUÍS, 2006). A costa é recortada por pequenas reentrâncias, rios e igarapés que recebem a incursão das marés pelos estuários, uma vez que a região apresenta um regime de macro marés (SILVA, 2012).

A Ilha de São Luís possui doze bacias hidrográficas, a exemplo de Tibiri, Paciência, Inhaúma, Praias, Santo Antônio, Estiva, Geniparana, Cachorros, Guarapiranga, Itaqui, Bacanga e Anil. Os maiores rios são Bacanga e Anil, que deságuam na baía de São Marcos e os rios Paciência, Santo Antônio, Jeniparana e Tibiri, que deságuam na baía de São José.

Na área litorânea encontram-se formações de apicuns, baías, braços de mar, cordões arenosos, furos, ilhas, manguezais, áreas de várzeas e praias. A proximidade com o Equador e a configuração do relevo favorecem a amplitude das marés, que alcançam até 7,2 m, com média aproximadamente de 6,6 m, e penetram os leitos dos rios causando influências até cerca de 150 km continente adentro (FEITOSA, TROVÃO, 2006).

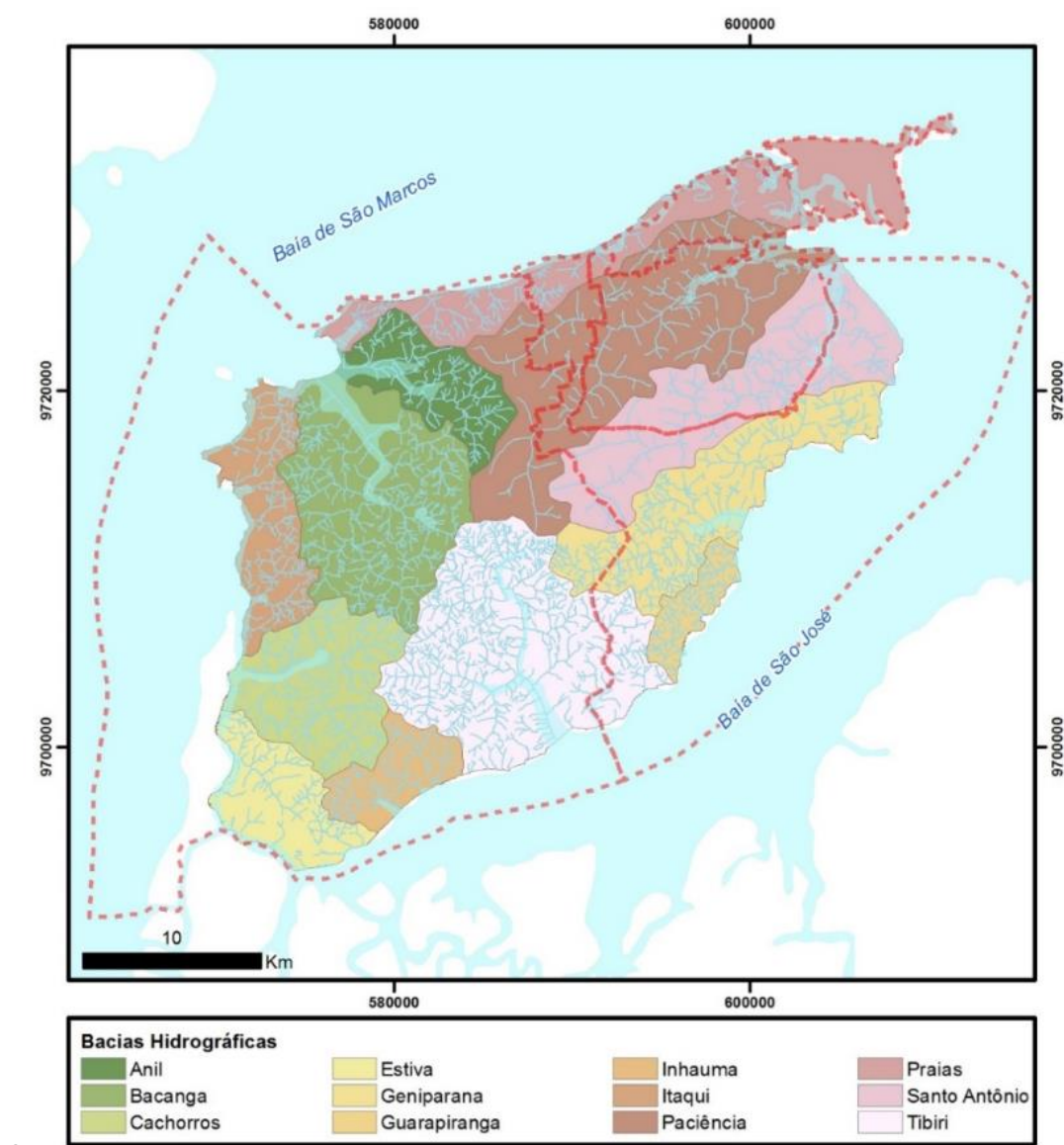


Figura 2: Bacias hidrográficas da Ilha de São Luís. Fonte: Do autor.

Conforme apresentado no mapa que se seguiu, as nascentes das maiores bacias hidrográficas estão localizadas na porção central da Ilha e se direcionam de forma divergente em direção a área costeira, resultando em uma região de grande riqueza hídrica e de recursos naturais.

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS SÍTIOS TUPI NA ILHA DE SÃO LUÍS

A presença Tupi na Ilha de São Luís é referenciada desde o século XVII, datada dos primeiros momentos da colonização francesa, quando os padres capuchinhos Claude d'Abbeville e Ives d'Évreux, entre os anos de 1612 e 1614, conviveram com os Tupinambá da região, legando para posteridade importantes relatos sobre essa experiência:

Haverá sete anos que certo personagem, cujo nome e qualidade calarei por circunstâncias, vendo que os índios Tupinambás que antigamente moravam no Trópico de Capricórnio se haviam refugiado na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças, evitando o domínio dos portugueses, saiu de Pernambuco com um seu companheiro, trazendo alguns portugueses, e oito a dez mil índios, entre homens, mulheres e meninos, todos da mesma nação aí existente... Fazia pequenas viagens por dia por causa dos mais fracos da sua comitiva. Durante a viagem, os membros desta grande comitiva alimentavam-se somente de raízes que extraíam da terra, de frutos de árvores, de peixes que apanhavam, de pássaros, e de outras espécies de animais que agarravam, com farinha, que traíam, e onde lhes faltou esta, aí ficaram para plantar mandioca, e se demoraram até que pudessem fabricar farinha (D'ABBEVILLE, 2002, p. 93).

A referência fundamental da obra de Claude d'Abbeville para a etnohistória da Ilha de São Luís foi a descrição das aldeias visitadas pelos capuchinhos franceses durante sua curta permanência. Participaram da empreitada os padres Claude d'Abbeville, juntamente com Reverendo Arsênio, Senhor de Rasily, Senhor de Launay e o Senhor Des Vaux, que saíram do Convento de São Francisco em 28 de setembro, em companhia de alguns criados e indígenas (D'ABBEVILLE, 2002). O capuchinho relatou a existência de 27 aldeias, conforme a citação:

Está a primeira aldeia na ponta de terra vizinha ao lugar de desembarque na Ilha Grande, vindo da Ilhazinha de Santa Ana: chama-se **Timboú**, nome significativo de raiz de uma certa árvore chamada *euue*, que serve para embriagar os peixes. Tem esta aldeia dois principais, *Uaruma-Uaçu*, nome da árvore e dos ramos com que fazem os crivos para passar ou peneirar a farinha. Chama-se outro *Sauçuacã*, "cabeça de onça". Chama-se a segunda aldeia de

Itapari, isto é, “tapada, curral, ou camboa de peixe”, porque aí existem dois ou três currais destes. Tem também dois principais, um chamado *Metarupua*, isto é, “pedra branca”, que costumam a trazer embutida no beijo. É um bom índio, muito amigo dos franceses, que de ordinário o chamam pelo nome de caranguejo. Chama-se o segundo *Auati*, ou “milho negro”. A terceira aldeia é a **Carnaupió**, nome derivado da árvore carnal. Tem dois principais, chama-se o primeiro de *Marcoia-Pero*, nome derivado da casca de um fruto amargoso chamado *morgoiaue*, e o segundo *Araruçuaí*, que significa “cauda de arara”, pássaro vermelho, misturado com outras cores. Chama-se a quarta **Euaíne**, “água velha” ou água turva”. Também tem dois principais: *Uíra-Uassupinim*, pássaro grande e caçador, enfeitado de diversas cores, e o outro *Jereuçu*, nome de certa ave. A quinta aldeia é **Itaenddaue**, isto é, “largo de pedra”. Chama-se o principal *Uaignon-Mondeuue*, “lugar onde se apanham pedras azuis”. Chama-se a sexta **Araçuí – leuue**, isto é, o bonito pássaro que tem tal nome. O principal tem o nome de *Tamano*, isto é, “Pedra Morta”. Chama-se a sétima **Pindotuue**, em vez de *Pindó*, que são as folhas das palmeiras com que cobrem suas casas. Os seus habitantes estão agora com o de *Carnaupió*, tendo o principal *Margoia-Pero*, que significa a casca amargosa de um fruto com tal nome. A oitava aldeia chamada **Uatimbup**, raiz de timbó. Chama-se o principal Uirapoutian, “Brasil”. É um grande guerreiro, muito amigo dos franceses. Esta aldeia é vizinha do Junipará. A nova aldeia, a maior e mais saliente de todas, chama-se **Junipará**, que significa jenipapo amargo, fruto mui amargo quando não está maduro. Chama-se seu principal *Japi-Uaçu* ou simplesmente *Japiaçu*, isto é, um passarinho mosqueado de várias cores, um dos mais raros e mais bonitos da Índia. É o primeiro e o maior *Boruuichaue*, não só desta aldeia, mas também de todas a Ilha Grande. Além deste, ainda aí existem quatro principais a saber: *Jacupém*, que significa faisão, *Tatu-açu*, “fogo grande”; *Tecuare-Ubui*, “maré de sangue”; *Paquarrabeu*, “barriga de uma paca cheia d’água”. Chama-se a décima **Toroippeep**, isto é, calçado, há dois principais nessa ilha, um chamado *Perauuiá*, “abraço de peixe”, e outro *Auapaã*, isto é, “homem que não sabe atravessar”. A undécima chama-se **Januarém**, “cão fedorento”. Tem dois principais: um chamado, *Urubuanpã*, “corvo inchado”, e outro, *Taicuiú*, nome derivado de um passarinho. A duodécima é conhecida por **Uarapirã**, “cova vermelha”. Tem por principal *Itapucusã*, que significa grilheta ou ferro com que se prendem os pés. Chama-se a décima terceira Coieup, isto é, “uma cabaça, que serve de prato”. Tem dois principais, um, chamado *Mutim* “miçanga branca”, e o outro, seu irmão, *Ouíra-uaçu*, que significa o olho de um pássaro grande. A décima quarta chama-se **Eussauap**, isto é, “lugar onde se come caranguejo”. É uma das maiores aldeias da Ilha, e onde há quatro principais. Chama-se o primeiro *Tatuaçu*, “tatu grande”; o grande o segundo uma vez; o segundo uma vez *Corassaçu*, “pescoço comprido”, e outras *Mauariaçu*, nome tirado de um grande pássaro branco; o terceiro, *Taiiaçu*, “o javali”, o quarto *Tapireuíra*, “coxa de vaca”. A décima quinta aldeia chama-se **Maracanã – pisip**, nome derivado da ave grande maracanã. Tem três principais, sendo o primeiro *Terere* “nome”, o segundo *Aiuru-uaçu* “papagaio

grande”, o terceiro *Uara-aubuí*, “pássaro azul”. Chama-se: a décima sexta, **Taperuçu**, aldeia grande e velha, e seu principal é *Quatiare-Uçu*, “carta ou letra grande”. A décima sétima **Torupé**, “a bebida: tem dois principais, um chamado *Uirapapeup*, “arco chato”, e outro *Carautá-uare*, “comedor de carautá”. A décima oitava, **Aqueteuye** “praça de peixe”. É seu principal *Tupiaçu*, nome derivado da cinta em que, presa ao pescoço, trazem seus filhos. A décima nona, **Caranavue** “palmeira”, e o seu principal *Boi*, “cobrazinha”. A vigésima, **leuireé** (os franceses chama de *luret*) “pernas finas”, e o seu principal *Canuaaçu*, “tintura”. A vigésima primeira, **Eucatu**, “água boa”, e o seu principal **Januare-uaeté**, “onça feroz”, ou o “cão grande”, bom índio e muito amigo dos franceses. A vigésima segunda, **Jeuireé**, a pequena, e o seus principais são *Canuamiri*, “tintura pequena”, e *Euuaiuantim*, “fruto picante”. A vigésima terceira, **Uri-Uaçuupé**, “lugar onde existem *macorãs*, que são peixes assim chamados, e o seu principal, *Ambuá-açu*, nome derivado de uma espécie de baga, que tem um pé de comprimento. A vigésima quarta, **Maiue** ou **Maioba**, “nome de certas folhas de árvores muito compridas e largas”. Tem dois principais, um, *Jacuparim*, “faisão adunco”, e o outro, *Juantim*, “cachorro branco”. A vigésima quinta, **Pacuri-euue**, “árvore de bacuri, e o seu principal, *Taiapuã*, “raiz grossa”. A vigésima sexta, **Euapar** “água torcida”, e o principal, *Tocaiáçu*, “galinheiro grande”. A vigésima sétima, **Meuroti-euue**, “cacete ou árvore de palmeira” e o seu principal, *Conronron-açu* “grande roncador” (grifo nosso) (D’ABBEVILLE, 2002, p. 185-88).



Figura 3: Reconstituição hipotética da localização das aldeias indígenas em São Luís, no início do século XVII, quando da chegada dos franceses. Fonte: Noberto (2012).

Sobre a espacialidade das Aldeias, Ives d' Evreux (2002, p. 104-105) comentou:

As aldeias são divididas em quatro habitações, sob o governo de um muruichaue, para o temporal, em um pagy-uaçu, isto é, um feiticeiro para as moléstias e bruxarias. Cada habitação tem o seu o seu Principal: estes quatro principais estão sob as ordens do maioral da aldeia, o qual, conjuntamente com outros de várias aldeias, obedecem ao principal soberano da província. Cada cabana é dividida em duas partes é subdividida em várias habitações, que se chamam Ok ou CheroK, quer dizer, meu lado, minha habitação; a cabana é chamada Cheretan. Essas habitações medem cerca de três toesas entre duas vigas, nas quais eles suspendem suas redes de algodão. Nestas habitações mora cada família sob o comando de um pai de família, e todos os pais de família de cada cabana reconhecem o Principal da mesma cabana.

Sob o viés arqueológico, algumas aldeias referenciadas pelos franceses foram recentemente descobertas, constituindo importantes sítios remanescentes dos Tupi que habitaram a Ilha de São Luís. A esse respeito, o doutorado de Bandeira (2013a) apontou cerâmicas não filiadas a Fase Mina, ocorrendo nas camadas mais superficiais dos sambaquis, possivelmente relacionadas a grupos Tupi Amazônicos e Tupinambá.

No entanto, somente após a sistematização de uma gama de dados advindos de estudos arqueológicos aplicados ao licenciamento ambiental foi possível delinear com maior precisão a ocorrência de cultura material associada aos grupos Tupi, em específico aos Tupinambá, ocorrendo em vários sítios na Ilha de São Luís.

A sistematização da literatura arqueológica possibilitou identificar e georreferenciar 64 sítios Tupi na Ilha de São Luís, conforme apresentado no Quadro a seguir.

ITEM	SÍTIO	UTM	
		X	Y
1	Anajatuba	577275	9720219
2	Antiga Camboa dos Frades	571310	9713855
3	Antiga Tupi	573835	9715542
4	Araçagy	591475	9725058
5	Arraial	583090	9698188
6	Batatã	580667	9713074
7	Boa Viagem 01	600672	9714395
8	Cajupari	588574	9707322
9	Camboa da Caúra	606709	9717256
10	Camboa da Panaquatira 01	608687	9722888
11	Camboa da Panaquatira 02	608617	9722399
12	Camboa da Panaquatira 03	608574	9722240
13	Camboa da Panaquatira 04	608528	9722172
14	Camboa da Panaquatira 05	608541	9722120
15	Camboa da Panaquatira 06	608601	9721974
16	Camboa da Panaquatira 07	608194	9721583
17	Camboa da Panaquatira 08	608032	9723753
18	Camboa da Panaquatira 09	608190	9723663
19	Camboa da Panaquatira 10	608536	9723771
20	Camboa da Panaquatira 11	608103	9720316
21	Camboa de Boa Viagem 01	600915	9714427
22	Camboa de Boa Viagem 02	600833	9714131
23	Camboa de Boa Viagem 03	600833	9714131
24	Camboa de Boa Viagem 04	600833	9714131
25	Camboa do Terere	588457	9699639
26	Campina do Maracanã	580623	9707118

ITEM	SÍTIO	UTM	
		X	Y
27	Campo dos Índios	606972	9717564
28	Caúra	606562	9717516
29	Cemitério Cutim do Padre	582776	9717955
30	Chácara Rosane	584546	9723242
31	Curupu	604770	9731900
32	Da Mata	595786	9715420
33	Estreito dos Mosquitos	571084	9695548
34	Estrutura de Pedras da Boa Viagem	600756	9715061
35	Guarapiranga	589726	9703430
36	Ilha do Tererê	588108	9700113
37	Itapari	607113	9720182
38	Itapera	580880	9705514
39	Madureira	572712	9714350
40	Maiobinha 1	587649	9717534
41	Maiobinha 2	587732	9717242
42	Mamão	580088	9714754
43	Mandioca	585938	9707190
44	Maracanã	577018	9712225
45	Maracujá	583467	9705518
46	Mojo	602948	9723307
47	Morro do Meio de Igaráú	576624	9694750
48	Ponta Verde	604770	9731900
49	Portal do Paço	596430	9718632
50	Quebra-pote	586340	9702564
51	Riod	590950	9710256
52	Salinas	602559	9724039
53	Sambaqui da Maiobinha	587623	9717610
54	Sambaqui da Panaquatira	606373	9720244
55	Sambaqui do Bacanga	579823	9714986
56	Sambaqui do Paço do Lumiar	598860	9724342
57	Santo Antônio	598294	9717470
58	São Brás	594538	9713908
59	Saramanta	588957	9717718
60	Summer Ville	607702	9721481
61	Turiúba I	598684	9715662
62	Turiúba II	598684	9715662
63	Vila Conceição	582951	9724376
64	Vinhais Velho	581083	9721515

Tabela 1: Sítios Tupi identificados na Ilha de São Luís.

Os sítios arqueológicos listados estão distribuídos por toda a Ilha de São Luís e apresentam distintas características relacionadas à natureza, tamanho, deposição, tipologia, densidade dos vestígios e associação com outros sítios arqueológicos, a exemplo dos sambaquis. Além disso, o estado atual do conhecimento é bastante heterogêneo, pois poucos sítios foram escavados; alguns mais foram delimitados e a maioria foi apenas georreferenciada.

O mapa a seguir apresenta os sítios Tupi georreferenciados na Ilha de São Luís.

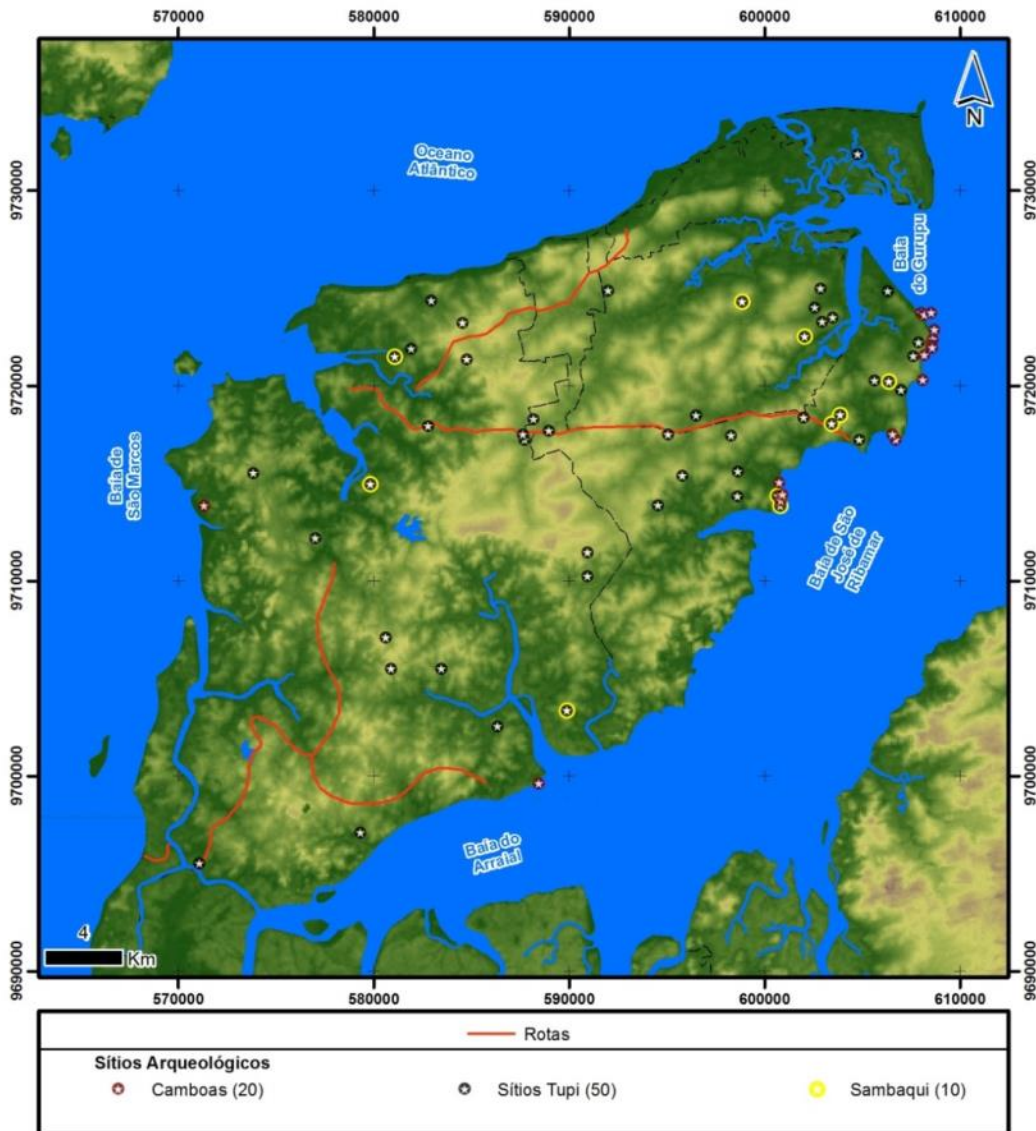


Figura 4: Distribuição espacial dos sítios Tupi na Ilha de São Luís – Maranhão. Fonte: Do autor.

Além do avanço das pesquisas, relatos etno-históricos possibilitaram associar alguns sítios arqueológicos conhecidos atualmente com as aldeias Tupinambá descritas pelos capuchinhos franceses, a exemplo da Ponta da *Jevirée* (Núcleo fundacional de São Luís) *Essauap* (Sítio Vinhais Velho); *Torupé* (Sítio Alto do Calhau ou Sítio Chácara Rosane) *Maioba* (Sítios Maiobinha I e II); *Pindaí* (Sítio Santo Antônio); *Itapary* (Sítio

Itapary); *Araçuí – Ieue* (Sítio Araçagi), *Timbouú* (Sítio Paço do Lumiar); *Meuroti-euue* (Sítio Turiúba I e II) e Aldeia São José dos Índios (Sítio São José dos Índios), conforme o Mapa a seguir.

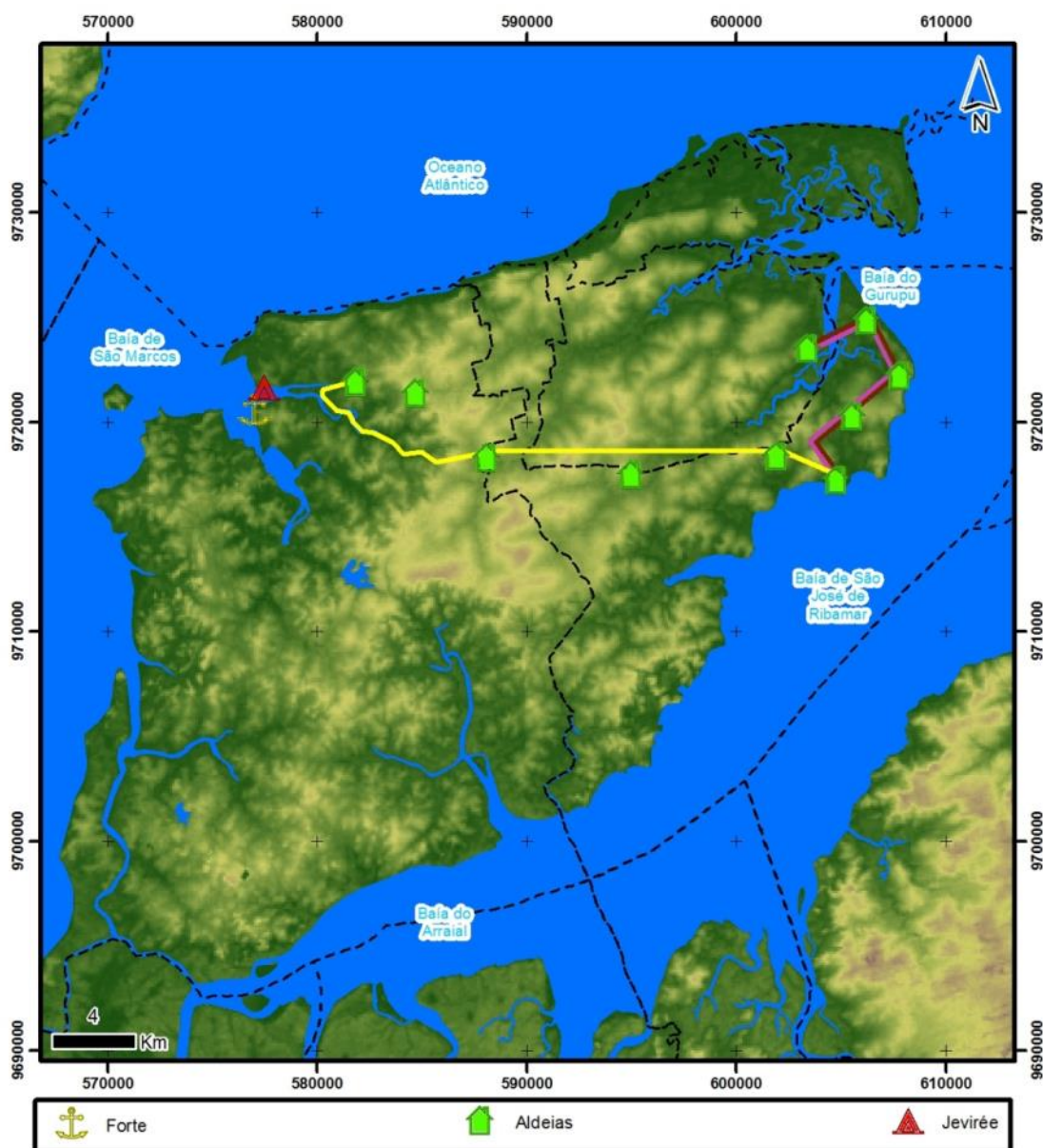


Figura 5: Sítios Tupi correlacionados com as aldeias conhecidas historicamente. Fonte: Do autor.

Em termos gerais, os sítios Tupi ocorrem em bacias hidrográficas de diversas ordens, a exemplo de Santo Antônio (4ª Ordem), Guarapiranga (4ª Ordem), Geniparana (5ª Ordem), Anil (5ª Ordem) e Tibiri (6ª Ordem), conforme a classificação hierárquica de Strahler (1952). Além disso, existe maior quantidade de sítios em bacias médias (dimensão entre 10 a 100km² de área) e em padrões de drenagem dendrítica, paralela e de treliça.

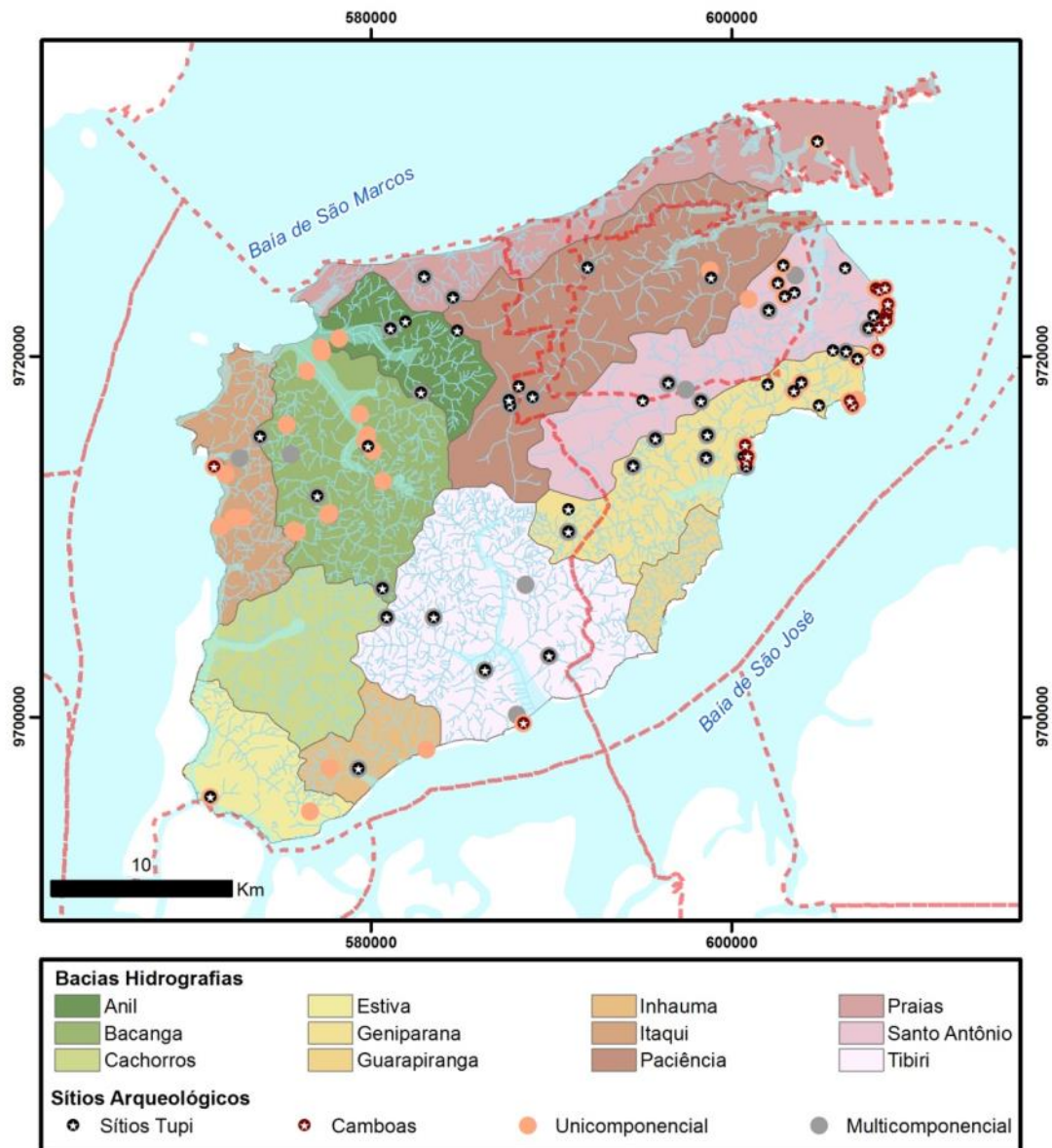


Figura 6: Distribuição espacial dos sítios Tupi nas bacias hidrográficas da Ilha de São Luís. Fonte: Do autor.

No entanto, o crescimento de São Luís e o adensamento populacional por mais de 400 anos, a partir do estuário dos rios Bacanga e Anil, na baía de São Marcos podem ter destruído os sítios arqueológicos situados em bacias maiores, a exemplo do Bacanga, Paciência e Praias. Por outro lado, a ausência de sítios arqueológicos nas bacias da Estiva, Inhaúma, e Cachorros pode ser explicada pelo desconhecimento e a falta de pesquisa nessas áreas, tratando-se da porção menos acessível da Ilha de São Luís.

O mapa a seguir sobrepõe os sítios Tupi e a zona urbana da Ilha de São Luís.

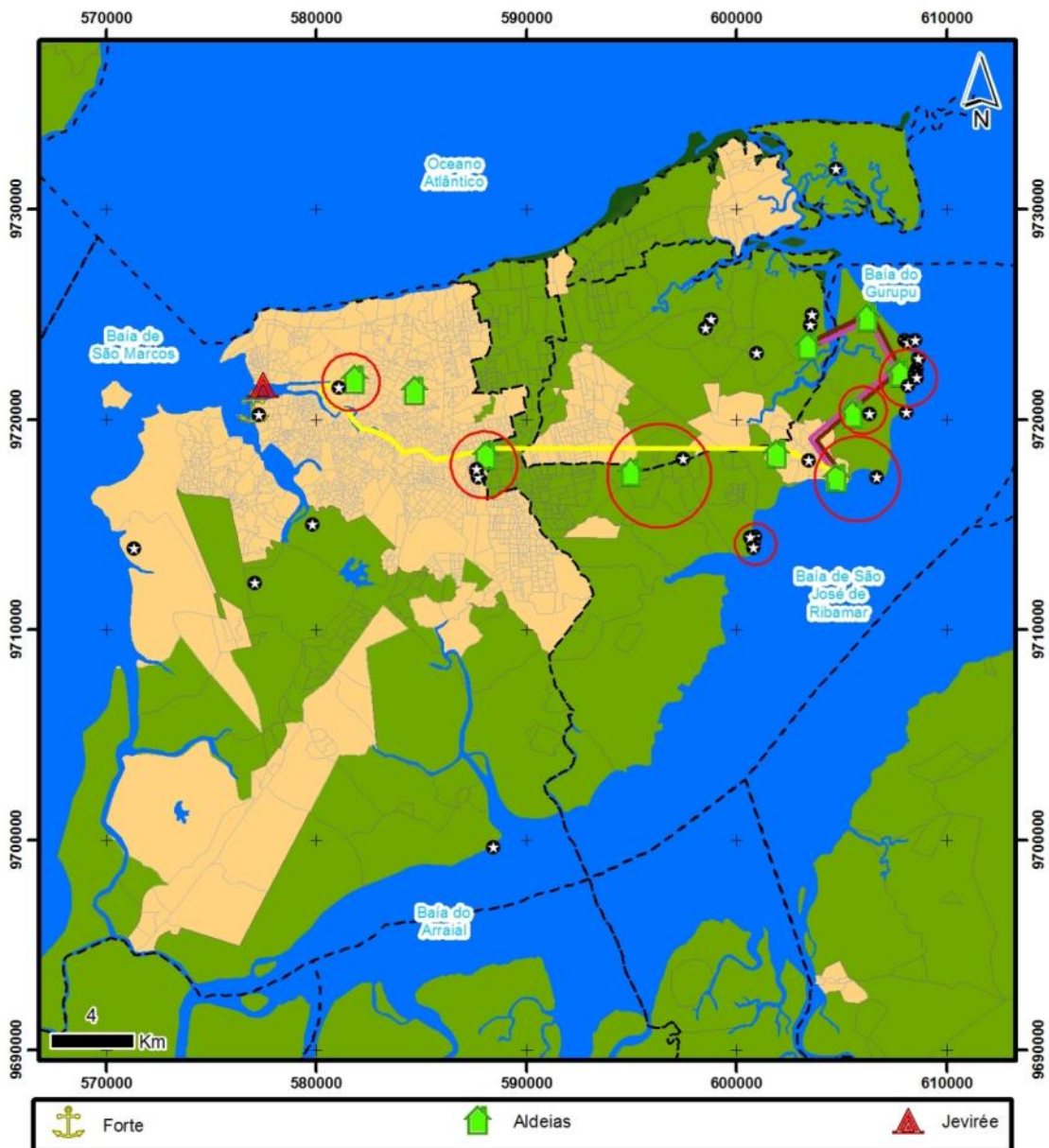


Figura 7: Sítios Tupi distribuídos em áreas com intensa ocupação urbana. Fonte: Do autor.

Logo, uma análise da distribuição espacial dos sítios Tupi na Ilha de São Luís pautada apenas no uso e ocupação do solo no presente pode causar a falsa impressão que esses sítios estão majoritariamente situados em bacias que drenam para as baías de São José e Curupu, pelo fato de existirem poucos sítios na baía de São Marcos. Ocorre que a baía de São Marcos representa a porção densamente ocupada da Ilha, como também se situa o Distrito Industrial de São Luís. O uso e ocupação do solo ao longo dos séculos podem ter destruído os sítios arqueológicos nessa região.

A respeito da implantação dos sítios Tupi na paisagem, esses se associam as características ambientais relacionadas à própria rede de drenagem da Ilha de São Luís. São observados sítios em unidades morfo-esculturais, a exemplo de relevos agradacionais representados por apicuns, planícies de maré, praias

arenosas, dunas e paleodunas, terraços marinhos e planícies fluviais; e em relevos denudacionais representados por falésias, formas tabulares com topos planos, em colinas, platôs e vertentes elevadas.

Os sítios Tupi mais comuns nas áreas de apicuns, planícies de maré e praias arenosas são os popularmente chamados de *camboas* ou *gamboas* (BANDEIRA, 2013a; COLONESSE *et al.*, 2015), tratando-se de armadilhas de pescas (*fish traps*) ou currais de pesca estruturados em pedra, barro ou madeira, cuja função seria a de capturar, aprisionar e até mesmo criar peixes e outros animais aquáticos utilizando o ciclo das marés e a dinâmica hídrica costeira³.

Na Ilha de São Luís, as camboas são referenciadas pelos cronistas franceses no século XVII, a exemplo de uma passagem sobre a Aldeia *Itapari* (Sítio Ponta Verde e Sambaqui do Panaquatira), que ganhou esse nome graças a grande quantidade de currais e camboas de pesca existentes nas praias de Panaquatira, Boa Viagem, Ponta Verde e Ponta Vermelha, nas baías de São José e Cururpu:

Chama-se a segunda aldeia de Itapari, isto é, “tapada, curral, ou camboa de peixe”, porque aí existem dois ou três currais destes. Tem também dois principais, um chamado Metarupua, isto é, “pedra branca”, que costumam a trazer embutida no beijo. É um bom índio, muito amigo dos franceses, que de ordinário o chamam pelo nome de caranguejo. Chama-se o segundo Auati, ou “milho negro” (D’ABBEVILLE, 2002, p. 185).

Nos relatos franceses não existe clara associação das camboas aos grupos Tupi, nem menção ao período de sua construção. Contudo, os mesmos indicam que a aldeia de *Itapari* era ocupada por Tupinambá desde o século XVII.

Essas camboas foram construídas utilizando matérias-primas locais. A estrutura observada na margem do Igarapé do Coelho, tributário do rio Bacanga, foi feita de argila extraída do leito lamoso dos manguezais da região. O seu tamanho não chega a 60 m de extensão por 30 m de largura, com paredes alcançando 1 m de altura. Ao passo que as camboas das praias da Panaquatira e Boa Viagem foram construídas com o empilhamento de blocos de rocha laterítica que afloraram naturalmente das falésias da região. Tratando-se de um complexo constituído por 12 (doze) estruturas com formatos diferenciados, sendo observados tipos circulares e semicirculares, sempre em ângulo aberto.

³ Está em curso um projeto de pesquisa sobre as Camboas da Ilha de São Luís com financiamento da *British Academy Newton Mobility Grants* (2015), em colaboração com diversos profissionais e instituições, a exemplo da *University of York* (UK), Universidade Santa Cecília (UNISANTA), Universidade Estadual de Campinas e a *Fisheries and Food Institute* (FIFO), Casa da Memória do Instituto do Ecomuseu do Sítio do Físico. A primeira etapa de campo está prevista para junho de 2015.

O uso das camboas é bem simples e até os dias atuais elas permanecem úteis nas pescarias e coletas, indicando forte resiliência. Inclusive, as camboas são um dos únicos sítios arqueológicos da Ilha de São Luís que são claramente associados pela população tradicional aos povos indígenas⁴.



Figura 8: Camboas da Panaquatira observadas em imagem de satélite.



Figura 9: Camboa da Panaquatira. Foto: Arkley Bandeira, 2013a.



Figura 10: Paredes de pedra formando uma das camboas da Panaquatira. Foto: Arkley Bandeira, 2013a.

⁴ A implantação das estruturas é feita na linha do estirâncio onde a baixamar e preamar ocorrem devido a variação diária da maré. Especificamente para a Ilha de São Luís, existem dois movimentos de variação da maré por dia, com as cotas variando em determinados períodos do ano em mais de 7 m. Quando a maré alcança seu máximo transgressivo às camboas ficam totalmente encobertas pela água, fazendo com que os peixes cheguem mais próximos a linha da costa. Quando o movimento de baixamar ocorre discretamente no decorrer do dia, a maré torna-se vazante e os animais ficam aprisionados no interior das camboas. O passo seguinte seria despescar os peixes e mariscos aprisionados com redes, arpões e flechadas.

Os sítios Tupi encontrados em dunas e paleodunas são formados por concentrações de materiais cerâmicos, lítico lascados e polidos e malacológicos, principalmente gastrópodes depositados em superfície, geralmente associados com cultura material do período histórico e sem formar estratos relacionados aos períodos de ocupação. Tais sítios sofrem com processos deposicionais intensos, que dificultam a preservação do pacote arqueológico remanescente, devido à forte dinâmica dunar e o movimento gravitacional do sedimento causados por fatores climáticos (ação eólica e pluvial), além de fatores antrópicos.

Tais sítios ocorrem, principalmente, na Ilha de Cururupu, nas praias de Carimã e Canto e na região da Panaquatira, nas praias de Ponta Verde e Vermelha. Os mesmos são de difícil delimitação, devido à distribuição irregular do material arqueológico em superfície, a dificuldade de se escavar sedimentos arenosos com fina granulometria e a mudança e mobilidade constantes dos cordões dunares, que evidenciam e mascaram diariamente os vestígios arqueológicos.

Exemplos desses sítios são: Cururupu, Ponta Verde, Itapari e Ocupação Tupi no Sambaqui da Panaquatira (BANDEIRA, 2013a) e Sítio Summer Ville (BRANDEIRA, 2014a).



Figura 11: Vista geral do Sítio Summer Ville. Fonte: Brandeira, 2014a.



Figura 12: Fragmentos cerâmicos observados na superfície do Sítio Summer Ville. Fonte: Brandeira, 2014a.



Figura 13: Lascas observadas na superfície do Sítio Summer Ville. Fonte: Brandeira, 2014a.



Figura 14: Formas de bordas associadas a cerâmica Tupi. Fonte: Brandeira, 2014a.



Figura 15: Ocupação Tupi associada a terra preta sobre o Sambaqui da Panaquatira. Fonte: Arkley Bandeira, 2013a.



Figura 16: Escavação da camada de terra preta correspondente a Ocupação Tupi do Sambaqui da Panaquatira. Fonte: Arkley Bandeira, 2013a.



Figura 17: Sepultamento em urna evidenciado na camada correspondente a ocupação Tupi no Sambaqui da Panaquatira. Fonte: Arkley Bandeira, 2013a.



Figura 18: Urna emborcada sobre sepultamento associado a camada correspondente a ocupação Tupi no Sambaqui da Panaquatira. Fonte: Arkley Bandeira, 2013a.

Os sítios arqueológicos são extensos, com ampla distribuição espacial dos vestígios arqueológicos, variando entre cerca de 571.000 m² a 350. 000 m², conforme o quadro a seguir.

Sítio	Área estimada
Ocupação Tupi no Sambaqui da Panaquatira	571.000 m ²
Sítio Summer Ville	438.000 m ²
Itapari	350. 000 m ²
Cururpu e Ponta Verde	Desconhecida

Quadro 1: Área dos sítios arqueológicos.

Os sítios arqueológicos situados em dunas estáveis ou paleodunas ocorrem em regiões mais afastadas das praias, na interface dessas com os tabuleiros e as falésias, geralmente em regiões com vegetação rasteira e arbustiva, a exemplo das áreas mais elevadas das praias de Panaquatira, Ponta Verde, Ponta Vermelha, Boa Viagem e Caúra. Esses sítios são formados por grande quantidade de material arqueológico, principalmente cerâmica, associada a carapaças de bivalves, e instrumentos líticos lascados (lascas e raspadores) e polidos (lâminas de machado, almofarizes e batedores).

Exemplos desses sítios são: Iguaíba e Ocupação Tupi do Sambaqui do Paço do Lumiar (BANDEIRA, 2013a); Araçagy (BRANDEIRA, 2014b) e Morro do Meio de Igaráú (BRANDEIRA, 2013a).



Figura 19: Ocupação Tupi sobre o Sambaqui do Paço do Lumiar associado a uma paleoduna. Fonte: Arkley Bandeira, 2013a.



Figura 20: Cerâmica depositada em superfície associada a Ocupação Tupi sobre o Sambaqui do Paço do Lumiar. Fonte: Arkley Bandeira, 2013a.



Figura 21: Vista geral do Sítio Araçagy assentado sobre uma paleoduna. Fonte: Brandeira, 2014b.



Figura 22: Fragmento cerâmico aflorando em superfície no Sítio Araçagy. Fonte: Brandeira, 2014b.



Figura 23: Fragmento de machado polido depositado em superfície no Sítio Araçagy. Fonte: Brandeira, 2014b.



Figura 24: Batedor ou quebra-coquinho depositado em superfície no Sítio Araçagy. Fonte: Brandeira, 2014b.



Figura 25: Lascas de sílex depositadas em superfície no Sítio Araçagy. Fonte: Brandeira, 2014b.



Figura 26: Gastrópode com marca de uso depositado em superfície no Sítio Araçagy. Fonte: Brandeira, 2014b.

Esses sítios apresentam um pacote sedimentar menos afetado pela movimentação hidrogravitacional, por se tratar de áreas com sedimentos mais estáveis e protegidos dos ventos e chuvas pela vegetação dunar. Tais condições favorecem a existência de um pacote arqueológico passível de escavação, com vestígios depositados em superfície e sub-superfície.

Os sítios são menos extensos que os existentes em dunas móveis, com distribuição espacial dos vestígios arqueológicos equânimes entre a superfície a sub-superfície dos assentamentos, mas com ampla variação de tamanho entre os assentamentos, oscilando entre 467.188 m² a 5.625 m², conforme o quadro a seguir.

Sítio	Área estimada
Araçagy	467.188 m ²
Ocupação Tupi do Sambaqui do Paço do Lumiar	391.000 m ²
Morro do Meio de Igarauá.	10.000m ²
Iguaíba	5.625 m ²

Quadro 2: Área dos sítios arqueológicos.

Os sítios Tupi situados em terraços costeiros estão associados a depósitos sedimentares de origem marinha, mas em áreas protegidas da variação das marés. Ocorrem no nordeste da Ilha de São Luís, na confluência dos rios Paciência e Santo Antônio e a noroeste, na confluência dos rios Bacanga e Anil. Em outras regiões, os sítios estão implantados nas cotas mais altas e próximas as planícies de maré, que se interioriza por meio dos canais de drenagem, em decorrência de macromarés, que adentram o médio e baixo cursos dos rios, a exemplo do Cachorros, Tibiri e Guarapiranga.

Os sítios apresentam um pacote arqueológico preservado por densa vegetação, principalmente nas áreas menos habitada da Ilha e apresentam sedimento de coloração escura, caracterizado como terra preta e mulata, chegando a alcançar mais de 1m de espessura. Nessas áreas existe grande quantidade de materiais arqueológicos, principalmente cerâmica, associada a carapaças de bivalves, e instrumentos líticos lascados (lascas e raspadores) e polidos (lâminas de machado, almofarizes e batedores). Em alguns sítios ocorrem bolsões de restos alimentares formados por ossos de peixe e carapaças de moluscos, que não podem ser confundidos com os sambaquis.

Exemplos de sítios são: Mojó e Salinas (BRANDEIRA, 2013a), Guarapiranga (BRANDEIRA, 2014c), Madureira (ERM, 2008); Quebra-Pote (ERM, 2008), Arraial e Estreito dos Mosquitos (SCIENTIA, 2008) e Altos do Calhau (LEITE FILHO, LEITE, 2005; ALBUQUERQUE, 2010; CORRÊA, 2014).



Figura 27: Vista geral do Sítio Estreito dos Mosquitos. Fonte: Brandeira, 2013a.



Figura 28: Fragmento cerâmico depositado na superfície do Sítio Estreito dos Mosquitos. Fonte: Brandeira, 2013a.



Figura 29: Vista geral do Sítio Madureira. Fonte: Brandeira, 2013a.



Figura 30: Fragmento cerâmico depositado na superfície do Sítio Madureira. Fonte: Brandeira, 2013a.



Figura 31: Vista geral do Sítio Guarapiranga. Fonte: Brandeira, 2014c.



Figura 32: Mancha com material malacológico associada à terra preta no Sítio Guarapiranga. Fonte: Brandeira, 2014c.



Figura 33: Fragmento cerâmico com apêndice depositado na superfície do Sítio Guarapiranga. Fonte: Brandeira, 2014c.



Figura 34: Concentração de fragmentos cerâmicos depositada na superfície do Sítio Guarapiranga. Fonte: Brandeira, 2014c.



Figura 35: Fragmento cerâmico pintado coletado no Sítio Guarapiranga. Fonte: Brandeira, 2014c.



Figura 36: Lâmina de machado polida coletada no Sítio Guarapiranga. Fonte: Brandeira, 2014c.



Figura 37: Vestígios malacológicos associados à ocupação Tupi no Sítio Guarapiranga. Fonte: Brandeira, 2014c.



Figura 38: Gastrópodes depositados na superfície do Sítio Guarapiranga. Fonte: Brandeira, 2014c.

Os sítios variam bastante em extensão e profundidade, principalmente por ausência de delimitações mais sistemáticas dos assentamentos já conhecidos, oscilando entre 622.000 m² a 2.500 m², conforme o quadro a seguir.

Sítio	Área estimada
Guarapiranga	622.000 m ²
Madureira	9.600 m ²
Estreito dos Mosquitos	6.250 m ²
Salinas	5.625 m ²
Mojo	2.500 m ²
Quebra-Pote, Arraial e Altos do Calhau	Desconhecida

Quadro 3: Área dos sítios arqueológicos.

Os sítios Tupi observados em planícies fluviais situam-se na porção mais interiorizada da Ilha de São Luís, onde existem grandes terraços, que contornam os canais fluviais, nos fundos dos vales e em topos mais elevados, que estão protegidos das macromarés, mas apresentam saídas para o mar por meio dos canais flúvio-marinhos. As principais bacias hidrográficas da Ilha de São Luís apresentam essa conformação topográfica, onde a expansão urbana se desenvolveu.

Os sítios situados nesses compartimentos foram intensamente pesquisados, principalmente no âmbito do licenciamento ambiental, a exemplo de Cajupari (SCIENTIA, 2008, 2009) e Maracujá (SCIENTIA, 2010; PANACHUK, 2014) e em projetos acadêmicos, a exemplo do Vinhais Velho (BANDEIRA, 2013b; GUEDES, 2013), Maiobinha I e Maiobinha II (BANDEIRA, 2013a).



Figura 39: Escavação arqueológica realizada no Sítio Maiobinha I. Fonte: Bandeira, 2013a.



Figura 40: Material cerâmico depositado na superfície do Sítio Maiobinha I, com detalhe para um fusão. Fonte: Bandeira, 2013a.



Figura 41: Vista geral do Sítio Vinhais Velho. Fonte: Bandeira, 2013b.



Figura 42: Gastrópode e instrumento lítico depositado em superfície. Fonte: Bandeira, 2013b.



Figura 43: Fragmento cerâmico com pintura policroma depositado na superfície do Vinhais Velho. Fonte: Bandeira, 2013b.



Figura 44: Aplique zoomorfo depositado na superfície do Vinhais Velho. Fonte: Bandeira, 2013b.



Figura 45: Concentração de fragmentos cerâmicos evidenciados na escavação do Vinhais Velho. Fonte: Bandeira, 2013b.



Figura 46: Concentração de gastrópodes com marcas de uso evidenciada na escavação do Vinhais Velho. Fonte: Bandeira, 2013b.

Esses sítios estão bastante antropizados, pois situam-se em regiões com densa ocupação urbana. Apresentam um pacote sedimentar marrom claro com consistência arenosa, oriundo de deposição fluvial. Nesses assentamentos existe grande quantidade de materiais arqueológicos, principalmente cerâmica e refugos de lascamento (estilhas e resíduos), bem como instrumentos polidos (lâminas de machado e batedores) e carapaças de gastrópodes.

Os sítios apresentam dimensão variada, sendo o maior deles o Vinhais Velho, seguido dos sítios Maiobinha I e II, que são contíguos, mas separados por um tributário do rio Santo Antônio. O menor deles é o Maracujá, conforme o quadro a seguir.

Sítio	Área estimada
Vinhais Velho	78.000 m ²
Maiobinha I	44.000 m ²
Maiobinha II	37.000 m ²
Maracujá	13.200m ²
Cajupari	Desconhecida

Quadro 4: Área dos sítios arqueológicos

Os sítios Tupi observados em falésias situam-se nas cotas mais altas, em vertentes abruptas nas porções sub-retilíneas da Ilha de São Luís, sendo que em algumas regiões margeiam a costa, a exemplo das falésias da praia da Guia, Ponta do Farol, Olho d'água, Araçagi, Panaquatira, Ponta Verde, Ponta Vermelha e Boa Viagem. Nesse compartimento, os sítios arqueológicos estão muito susceptíveis aos processos erosivos resultantes da ação combinada de ventos, ondas, correntes de maré e chuvas. Contudo, nas porções mais interiores da Ilha essas elevações estão menos suscetíveis às ações naturais, a exemplo das bacias do Anil, Geniparana e Paciência.

Os materiais arqueológicos estão depositados, em sua maioria, na superfície das falésias ou nas paredes erodidas pela ação das marés, a exemplo de cerâmica e carapaças de bivalves. Dada a proximidade desses sítios com a linha da praia aventa-se a possibilidade de se tratar de acampamentos temporários de pesca e coleta.

Exemplos desses sítios são: Caúra e Ponta Verde (BANDEIRA, 2013a) e Campo dos Índios (BRANDEIRA, 2013a).



Figura 47: Vista Geral do Campo dos Índios. Fonte: Brandeira, 2013a.



Figura 48: Fragmentos cerâmicos depositados na superfície do Campo dos Índios. Fonte: Brandeira, 2013a.



Figura 49: Vista Geral do Sítio Ponta Verde. Fonte: Bandeira, 2013a.



Figura 50: Fragmentos cerâmicos e bivalves depositados na parede da falésia do Sítio Ponta Verde. Fonte: Bandeira, 2013a.

Os sítios Tupi situados em áreas com morfologia denudacional estão implantados em topos, platôs, colinas esparsas e porções com vertentes elevadas, situados entre 30 a 50m acima do nível do mar. Tais áreas ocorrem predominantemente na porção central, centro-nordeste e sudoeste da Ilha de São Luís, a exemplo das bacias do Bacanga, Anil, Santo Antônio, Paciência, Geniparana e Tibiri.

Estas regiões compreendem o núcleo mais antigo da Ilha de São Luís, a exemplo do Centro Histórico, as Vilas do Paço do Lumiar e São José e as áreas de crescimento urbano densamente ocupadas. Por esse motivo muitos sítios arqueológicos vêm sofrendo impactos antrópicos ou sendo descobertos acidentalmente em obras de engenharia.

Exemplos desses sítios são: Portal do Paço, Turiúba I, Turiúba II, Itapera, Mandioca, Campina do Maracanã, Riod, Maracanã, São Brás, Mamão, Da Mata, Anajatuba, Antiga Tupi, Santo Antônio, Cemitério Cutim do Padre, Chácara Rosane, Boa Viagem 01 e ocupação Tupi no Sambaqui do Bacanga.

Igualmente aos sítios Tupi situados nas planícies fluviais, muitas pesquisas já foram realizadas nesse compartimento ambiental, principalmente em sítios descobertos no âmbito do licenciamento ambiental e em pesquisas acadêmicas, a exemplo do Sambaqui do Bacanga (BANDEIRA, 2013a); Maracanã, Santo Antônio, Portal do Paço, Turiúba I e Turiúba II (BRANDEIRA, 2013b, 2014d, 2014e, 2015); Da Mata, São Brás, Itapera, Antiga Tupi, Riod e Campina do Maracanã (SCIENTIA, 2008, 2009, 2012, 2013; PANACHUK, 2014).



Figura 51: Vista Geral do Sítio Portal do Paço. Fonte: Brandeira, 2014e.



Figura 52: Mão de pilão depositada na superfície do Sítio Portal do Paço. Fonte: Brandeira, 2014e.



Figura 53: Escavação no Portal do Paço. Fonte: Brandeira, 2014e.



Figura 54: Fragmentos cerâmicos coletados no Sítio Portal do Paço. Fonte: Brandeira, 2014e.



Figura 55: Escavação do Turiúba I, com evidência de bivalves. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 56: Fragmentos cerâmicos depositados na superfície do Sítio Turiúba I. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 57: Fragmento cerâmico com pintura policrômica coletado no Sítio Turiúba I. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 58: Aplique zoomorfo coletado no Sítio Turiúba I. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 59: Escavação do Turiúba II. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 60: Fragmentos cerâmicos depositados na superfície do Sítio Turiúba II. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 61: Evidenciação de um almofariz no Turiúba II. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 62: Evidenciação de um almofariz e mão de pilão no Turiúba II. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 63: Aplique zoomorfo coletado no Sítio Turiúba II. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 64: Fragmento cerâmico com decoração incisa em espiral coletado no Sítio Turiúba II. Fonte: Brandeira, 2015.



Figura 65: Vista Geral do Sítio Maracanã. Fonte: Brandeira, 2013b.



Figura 66: Perfil do Sítio Maracanã. Fonte: Brandeira, 2013b.



Figura 67: Perfil do Sítio Maracanã. Fonte: Brandeira, 2013b.



Figura 68: Concetração de cerâmica e lítico evidenciada no Sítio Maracanã. Fonte: Brandeira, 2013b.



Figura 69: Vista Geral do Sítio Santo Antônio. Fonte: Brandeira, 2014d.



Figura 70: Escavação no Sítio Santo Antônio. Fonte: Brandeira, 2014d.



Figura 71: Fragmentos cerâmicos depositados na superfície do Sítio Santo Antônio. Fonte: Brandeira, 2014d.



Figura 72: Alça cerâmica depositada na superfície do Sítio Santo Antônio. Fonte: Brandeira, 2014d.



Figura 73: Fragmento de fuso depositado na superfície do Sítio Santo Antônio. Fonte: Brandeira, 2014d.



Figura 74: Gastrópode depositado na superfície do Sítio Santo Antônio. Fonte: Brandeira, 2014d.

Os sítios apresentam sedimento de coloração marrom escura, entremeada por bolsões formados por ossos de peixe e carapaças de moluscos, cujo pacote arqueológico variou entre 50 cm a mais de 1m de espessura. Nos assentamentos existe grande quantidade de materiais arqueológicos, principalmente

cerâmica, associada a carapaças de bivalves e gastrópodes; instrumentos líticos lascados (lascas e raspadores) e polidos (lâminas de machado, almofarizes e batedores). A cerâmica apresenta pintura em policromia, decoração plástica e apliques zoomorfos e antropomorfos.

A maioria dos sítios desse compartimento foi delimitada por metodologias interventivas, possibilitando maior precisão acerca da dimensão dos assentamentos. A literatura consultada apresentou informações variadas em relação ao tamanho dos sítios, oscilando entre os maiores, com 467.000 m² e os menores, com 9.000 m², conforme o quadro a seguir.

Sítio	Área estimada
Ocupação Tupi no Sambaqui do Bacanga	467.000 m ²
Portal do Paço, e	334.600 m ²
Santo Antônio	131.000 m ²
Sítio Turiúba I,	62.103 m ²
Maracanã	56.333 m ²
São Brás	52.800m ²
Da Mata	35.200m ²
Sítio Turiúba II,	33.384 m ²
Itapera	28.000m ²
Riod	20.178 m ²
Antiga Tupi	10.000 m ²
Batatã	9.000 m ²
Mandioca, Campina do Maracanã, Mamão, Anajatuba, Cemitério Cutim do Padre, Chácara Rosane e Boa Viagem 01	Desconhecida

Quadro 5: Área dos sítios arqueológicos.

RESULTADOS

Conforme apresentado, a presença Tupi na Ilha de São Luís é referenciada desde o período colonial, quando os colonizadores franceses registraram a presença de 27 aldeias Tupinambá distribuídas por distintas regiões, ainda no século XVII. Mais de 400 anos após esses primeiros relatos, o avanço das pesquisas

arqueológicas nas esferas acadêmica e de licenciamento ambiental possibilitou incorporar novas informações sobre os assentamentos Tupi na região, sendo que atualmente são conhecidos 64 sítios arqueológicos associados a esses povos.

A sistematização da literatura possibilitou identificar, georeferenciar e sistematizar as informações sobre os sítios Tupi na Ilha de São Luís, ficando evidente a grande disparidade relacionada ao conhecimento arqueológico sobre esses assentamentos.

Em relação à distribuição espacial, os sítios Tupi estão situados em quase todas as bacias hidrográficas que banham a Ilha de São Luís e inseridos em ambientes variados, a exemplo de apicuns, planícies de maré, praias arenosas, dunas e paleodunas, terraços marinhos, planícies fluviais, falésias, topos planos, colinas e platôs.

Os sítios apresentam distintas características relacionadas à natureza, tamanho, deposição, tipologia e densidade dos vestígios arqueológicos, sendo observados camboas, sítios superficiais a céu aberto, sítios superficiais com deposição primária e secundária e acampamentos.

A cultura material está representada majoritariamente por fragmentos cerâmicos, com exemplares pintados em policromia ou com decorações plásticas, bem como apliques modelados zoomorfos e antropomorfos. Foram observados materiais líticos lascados e polidos e restos alimentares, a exemplo de carapaças de moluscos e ossos de peixes.

Do ponto de vista temporal, apesar de muitos sítios serem referenciados na documentação histórica, datações apontam para a presença Tupi na Ilha de São Luís muito antes da chegada dos colonizadores europeus, corroborando com alguns modelos existentes para explicar a grande dispersão desses povos pelo Brasil. Contudo, o contexto temporal dos sítios Tupi e as correlações intra e inter-sítios serão abordados em outro artigo.

Pelo exposto, as informações levantadas nesse artigo contribuem para a compreensão regional sobre a presença Tupi nos limites da costa nordestina e o litoral amazônico. A esse respeito, a Ilha de São Luís se reverte de uma região muito particular e que pode fornecer subsídios empíricos para reconhecimento de rotas e caminhos utilizados por esses povos ao longo da história.

Contudo, outras regiões da Ilha de São Luís deverão ser mais bem investigadas, principalmente as bacias situadas em zonas menos habitadas e de difícil acesso, a exemplo das bacias dos Cachorros, Estiva, Inhauma e porção mais interior da Geniparana. Nesses locais, a presença de assentamentos Tupi não está totalmente confirmada, permanecendo lacunas para compreensão das ocupações humanas por toda a Ilha de São Luís.

Outro ponto que merece atenção é a correlação entre a quantidade de sítios Tupi conhecido versus a quantidade de sítios Tupi escavados. Conforme demonstrado neste artigo, menos de 50% dos assentamentos Tupi apresentados foram objetos de pesquisas arqueológicas mais sistemáticas,

permanecendo muitos hiatos relacionados ao padrão de assentamento e dúvidas sobre a formação do registro arqueológico e sua correlação com os locais de implantação dos sítios na paisagem.

De todo modo, a iniciativa desse artigo já aponta para uma reavaliação do conhecimento arqueológico sob a luz de novos dados advindos de pesquisas recentes. Além disso, o reconhecimento da importância arqueológica da Ilha de São Luís em função da alta densidade de sítios arqueológicos contribui para a proteção, preservação e divulgação do patrimônio arqueológico maranhense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, M. Recipientes cerâmicos de grupos Tupi, no Nordeste Brasileiro. In: PROUS, A.; LIMA, T. A. *Os ceramistas Tupiguarani*. v. 1 – Sínteses regionais. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN de Minas Gerais, 2008.
- BANDEIRA, A. M. *Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica*. 2013. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BANDEIRA, A. M. *Vinhais Velho: arqueologia, história e memória*. São Luís: Foto Studio Edgar Rocha, 2014.
- BRANDEIRA CONSULTORIA CULTURAL. Laudo de Avaliação Arqueológica do Residencial dos Pássaros II, III e IV, em São José de Ribamar – MA. São Luís, 2012.
- BRANDEIRA CONSULTORIA CULTURAL. Relatório do Zoneamento Arqueológico da Ilha de São Luís – MA. São Luís, 2013a.
- BRANDEIRA CONSULTORIA CULTURAL. Relatório de Prospecção Arqueológica do Residencial Luiz Bacelar, em São Luís – MA. São Luís, 2013b.
- BRANDEIRA CONSULTORIA CULTURAL. Relatório de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Prospecção Arqueológica do Loteamento Summerville - São José de Ribamar – MA. São Luís, 2014a.
- BRANDEIRA CONSULTORIA CULTURAL. Relatório de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Prospecção Arqueológica do Loteamento Parque Bob Kennedy - Paço do Lumiar – MA. São Luís, 2014b.
- BRANDEIRA CONSULTORIA CULTURAL. Relatório de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Prospecção Arqueológica do Residencial Mato Grosso – Minha Casa Minha Vida - São Luís – Maranhão. São Luís, 2014c.
- BRANDEIRA CONSULTORIA CULTURAL. Relatório de Resgate Arqueológico do Sítio Santo Antônio, em São José de Ribamar – MA. São Luís, 2014d.
- BRANDEIRA CONSULTORIA CULTURAL. Relatório de Prospecção Arqueológica do Residencial Portal do Paço, em São José de Ribamar – MA. São Luís, 2014e.
- BRANDEIRA CONSULTORIA CULTURAL. Relatório de Prospecção Arqueológica do Loteamento Ilha Verde, em São José de Ribamar – MA. São Luís, 2015.
- COLONESE, A. C. *et al.* Bridging ancient and modern artisanal fisheries in Latin America: assessing the role of cultural heritage in poverty alleviation in coastal Brazil. *Antiquity Journal*, Department of Archaeology, 2015.
- CORRÊA, Â. A. *Pindorama de Mboîa e Îkaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. 2014. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- D’ABBEVILLE, C. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e circunvizinhanças*. São Paulo: Siciliano, 2002.

- D'ÉVREUX, Y. *Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614*. São Paulo: Siciliano, 2002.
- ERM. Diferencial Energia Empreendimentos e Participação Ltda. Estudo de Impacto Ambiental (EIA). Empreendimento da Usina Termoelétrica Porto do Itaqui (UTE Porto do Itaqui), 2008.
- FEITOSA, A. C.; TROVÃO, J. R. *Atlas escolar do Maranhão: espaço geo-histórico e cultural*. João Pessoa: Grafset, 2006.
- GUEDES, L. B. *Le site de Vinhais Velho en Île de São Luís MA – Brésil: Approche Geoarchéologique d'un complexe palimpseste*. Master 2. 2013. Universidade de Paris I Panthéon Sorbonne, 2013.
- IMESC. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. *Situação Ambiental da Ilha do Maranhão/ Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos*. São Luís: IMESC, 2011.
- LEITE FILHO, D. C.; GASPAR LEITE, E. Ocupação Pré-histórica na Ilha de São Luís: Ocorrência de Grupos Cerâmicos Proto-Tupi. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, São Luís, n. 32, 2005.
- NIMUENDAJU, C. *Mapa etno-histórico de Curt Nimeundaju*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- NOBERTO, A. (Org.). *França Equinocial: uma história de 400 anos em textos, imagens, transcrições e comentários*. São Luís: Projeto Gráfico Editora, 2012.
- PANACHUK, L. Os ceramistas Tupi na Baía de São José, Maranhão: arqueologia como história indígena. In: BANDEIRA, A. M. BRANDI, R. A. (Ed.). *Nova Luz sobre a Arqueologia do Maranhão*. São Luís: Foto Studio Edgar Rocha, 2014.
- PREFEITURA DE SÃO LUÍS. *São Luís: uma leitura da cidade*. São Luís: Instituto de Pesquisa e Planificação da Cidade, 2006.
- RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Investigando a origem e o desenvolvimento de orações dependentes nas famílias do tronco lingüístico Tupi. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 11-32, dez. 2006.
- SCTAMACCHIA, M. C. M. Tentativa de Caracterização da Tradição Tupiguarani. 1981. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, 1981.
- SCIENTIA Consultoria Cultural. Relatório de Prospecção arqueológica nas áreas de expansão do Complexo Ponta da Madeira. Arqueólogo Coordenador: Solange Bezerra Caldarelli. São Luís, 2008.
- SCIENTIA Consultoria Cultural. Relatório de Prospecção Arqueológica na Área de Implantação da UTE Porto de Itaqui e Área de Assentamento Quebra-Pote. Arqueólogo Coordenador: Solange Bezerra Caldarelli. São Luís, 2009a.
- SCIENTIA Consultoria Cultural. Projeto: Arqueologia preventiva nas áreas de intervenção da Linha de Transmissão São Luís II – São Luís III, MA. Belém: Scientia Consultoria, 2009b.
- SCIENTIA Consultoria Cultural. Resgate dos sítios arqueológicos identificados no trajeto da Linha de Transmissão São Luís II – São Luís III/MA. Relatório final de campo. Belém: Scientia Consultoria, 2010.

SCHMITZ, P. I. A decoração plástica na Cerâmica da tradição Tupiguarani. In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Ed.). *Os Ceramistas Tupiguarani. v. 2 – Elementos Decorativos*. Belo Horizonte: Superintendência do Iphan em Minas Gerais, 2010.

SILVA, Q. D. *Mapeamento geomorfológico da Ilha do Maranhão*. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

Recebido em:11/08/2015
Aprovado em:10/09/2015
Publicado em:27/10/2015